

SEMINARIO KAYAPÓ

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL 13-14/3/95 SÃO PAULO

A SOCIEDADE KAYAPÓ

Terry Turner

I. ASPECTOS BÁSICOS

A. Aldeias autônomas como unidades básicas da organização social-política

B. Subsistência:

1. Cada aldeia produz sua própria subsistência por uma combinação de horticultura (swidden), caça, pesca, e coleta
2. Alternância de ocupação entre a aldeia de base e caçadas coletivas

II. ORGANIZAÇÃO SOCIAL-POLÍTICA

A. Nível Segmentário

Unidades domésticas (famílias extensas matri-uxorilocais).

Relações deste nível são de parentesco e de caráter inter-pessoal.

Mulheres estão primariamente associadas com relações e unidades deste nível

B. Nível Comunitário

Grupos corporativos e formações coletivas, constituindo um esboço institucional que abrange todo mundo na aldeia: grupos de idade (masculino e feminino), casa de homens, cerimônias.

Relações deste nível são determinadas por integração em grupos corporativos, que é desvinculadas das relações de parentesco do primeiro nível. Estas relações coletivas e homogêneas permitem mobilização direta de grupos e ações coletivas numa escala comunal.

Homens são mais identificados com relações deste nível.

C. Carater geral da organização e ação social dos Kayapó

1. Comunidades de grande porte (tamanho normal = entre várias centenas e um mil), auto-suficientes e politicamente autônomas, capazes de ação coletiva organizada e sustentada
2. Hierarquia de gênero: assimetria dentro dos limites de simetria. A assimetria dos papéis político-sociais de homens e mulheres tem por base a relação entre o nível de grupos domésticos (segmentários) e o dos grupos coletivos (comunitários), na qual estes (mais identificado com homens) toma precedência sobre aqueles (mais associados com mulheres). Além de não tomar parte nos encontros políticos na casa de homens, porém, as mulheres também têm uma projeção coletiva no nível comunitário, com grupos de idade e cerimônias próprias. Mulheres são relativamente livre e independente dentro do quadro do grupo doméstico, e as vezes chegam a tomar parte em discursos e ações políticas. Assim, enquanto homens desempenham os papéis

dominantes ao nível político, mulheres também têm papéis coletivos e até políticos significativos:

3. Hierarquia de idade. O esboço principal da hierarquia político-social e o sistema de classes de idade e os grupos baseados neles. Neste sistema, os seniores tomam precedência sobre os juniores, o que é igualmente válido por homens e mulheres. Os grupos de idade machos, vinculados com a casa de homens no meio da praça da aldeia, assim proporciona uma organização de dominação e subordinação com uma corrente de comando, capaz de executar ações coletivas, não somente dentro da comunidade mas também fora dela.

4. Cooperação entre comunidades: ações juntas. Além de cada comunidade Kayapó constituir uma unidade política autônoma, e a despeito da falta da organização inter-comunal alguma, os Kayapó tem demonstrado repetidamente que são capazes de ações concertadas inter-comunitárias, na base de encontros entre lideranças e o uso de rádio, aviões, estradas e outras medidas de comunicação e transporte.

III. VALORES SOCIAIS E DINÂMICA POLÍTICA

A. Os valores mestres e sua relação dialética.

O comportamento individual e coletivo dos Kayapó deve ser compreendido em relação aos valores sociais que o incentiva e orienta. Há duas categorias gerais de valor na sociedade Kayapó, que podem ser chamadas “valentia” e “beleza”.

“Valentia” significa uma atitude complexa de afirmação agressiva e sem constrangimento da pessoa como indivíduo. Nas suas formas mais intensas e extremas, é denotada pela palavra **akre** (“brabo,” “valente”). É um atitude essencialmente associal, e em suas manifestações mais puras e fortes, antisocial, ou do ponto de vista coletiva, centrífugo.

“Beleza”, denotada pela palavra **metch**, significa uma qualidade de integralidade e perfeição. É concebida como o paradigma da condição social, e, por ser a qualidade desejável, intrínseca a relações solidárias e as coisas que as simbolizam, impele comportamentos coletivamente valorizadas, e assim representa uma força centrípeta.

B. Valores, a produção da pessoa, e a relação entre sociedade e natureza.

Gente nasce como seres “naturais”, com capacidades físicas e energias animalísticas ainda não socializadas. O amadurecimento do indivíduo como pessoa social consiste na apropriação das energias e poderes naturais (associais, centrífugas) da sua natureza e canalização delas em trilhas socialmente solidárias e centrípetas. Este processo depende, porém, da força das energias e poderes naturais do corpo e mente do indivíduo: e precisa ter uma matéria crua (“natural”) forte de apropriar e transformar para produzir uma pessoa capaz de atos e relações de “beleza”.

A sociedade, pois, não é externamente oposta à natureza, mas surge dum processo de apropriação e redirecionamento das suas forças e poderes. Assim, fica dependendo da natureza mesmo enquanto explorá-la e apropriá-la para seus próprios fins. O Kayapó, pois, pode, sem

contradição, manter uma atitude exploradora e até pirata em relação à natureza, ao mesmo tempo que fica ciente da sua dependência e profunda participação nela.

C. Valor cultural como saque extracultural: valor de dentro vem de fora.

Pelos Kayapó, valor é materializado em “coisas de valor” (**nekretch**). A categoria de nekretch compreende uma grande variedade de coisas, tais como itens de adorno pessoal, direitos de executar um rito ou canção especial numa cerimônia, direitos a certos cortes de carne de porco queixada, o direito de usar um certo tipo de apito de osso dum determinado tipo de passaro, etc. Estas coisas são passadas de tio para sobrinho, ou de tia para sobrinha, como atributos da identidade pessoal. Nomes pessoais são transferidos da mesma maneira. Um a classe especial de nomes pessoais tem que ser dados em cerimônias, e como “nekretch”, estão concebidas como possuindo “beleza” e também “valentia”. Os Kayapó acreditam que estes nomes, como os “nekretch” em sua maioria, vêm originalmente de fora da sociedade, pois pertenceram originalmente a seres naturais (peixes, animais, pássaros) ou povos não-Kayapó (que são, por isso, menos “sociais”, e assim, mais bravos ou valentes).

“Nekretch” (coisas de valor) e nomes belos materializam as noções Kayapó de valor: são unidades complexas, por um lado emblemas de solidariedade e integração social (“beleza”) e, por outro lado, conservam os rastros de uma origem associal (brava, valente). Por serem ambos associal e social, valente e bela ao mesmo tempo, encarnam o poder de transformar aquilo nisto, e assim de produzir a sociedade pela integração da força e valentia da natureza. Esta integração (beleza) fica mais bela em proporção que os emblemas de valor tivessem sido originalmente mais des-integrados (alheio, afastado, associal, valente). Os dois valores, pois, se complementam e dependem dialecticamente um do outro.

D. A visão Kayapó da coexistência interétnica informada por esta configuração de valores: a “internalização do Outro” como expressão da sua própria cultura.

Os Kayapó são altamente conscientes do valor da sua cultura e da importância de preservá-la. Para eles, porém, isto não significa a manutenção do seu estoque de comportamentos, utensílios, e conhecimentos como eram antes do contato com os brancos numa condição exclusiva e imutável. Ao contrário, para os Kayapó o supremo valor cultural é o de incorporar elementos de culturas alheias, assim transformando continuamente sua própria cultura, pois o supremo valor cultural deles é precisamente o de captar e incorporar traços de culturas estrangeiras. Da mesma maneira, o poder ou eficácia de um líder político se sinaliza pela sua capacidade de trazer coisas (presentes, dinheiro, apoio) de fora (ou seja, a sociedade nacional, FUNAI, ONGs, etc.) para dentro da comunidade.

E. Comportamento político e chefia como manifestações desta mesma configuração de valores.

Combinação de afirmação de si (agressivo e até valente em estilo), com solidariedade coletiva (comportamento exemplificando “beleza”) como os duas dimensões complementares da ação política Kayapó, abrangendo discurso (oratória) individual, mobilização e comportamento coletivo, e a instituição da chefia. Chefes (**benhadjuoro**) supostamente representam a comunidade em sua totalidade por sua função ritual (são obrigados a executar um gênero especial de canto ritual em cerimônias coletivas, de onde vem o seu título: **ben**, “canto ritual” e **iadjuoro**, “colocador”, i.e., “executor”). Neste aspecto da sua atuação, exemplificam “beleza”. Por outro lado, eles estão

esperado de ser "valente" quando necessário, lidando com força pessoal e lutando com valentia. Um bom líder, ou uma ação política bem sucedida, deve combinar estas qualidades no maior grau possível. Encarna, pois, a síntese dos dois valores, e as dimensões complementares da vida social aos quais estão ligadas. A conhecida vocação Kayapó por confrontação agressiva, combinada com a solidariedade intensa das suas manifestações coletivas, deve ser entendida dentro este quadro.

F. Esfera pública e participação política: o sistema político Kayapó como uma democracia não-egualitária e não-individualista.

Entre os Kayapó, o discurso público é o meio pelo qual a pessoa constrói, manifesta e confirma sua identidade social. Só que o acesso ao discurso público é diferenciado, estritamente regulado por gênero e idade social. Homens velhos fazem oratória; mulheres velhas fazem choro; e homens e mulheres jovens ficam escutando, calados. Só pessoas completas (belas) tem a capacidade de expressar sua força individual (valentia) numa forma socialmente útil e construtiva; às pessoas incompletas (ainda jovens) falta esta capacidade e, por isso, não podem participar da mesma maneira, activa, porem participam de uma outra forma, por sua assistência passiva, testemunhando, compreendendo, aprendendo e depois executando os discursos dos velhos. A despeito de possuir uma esfera pública de discurso no qual todos participam de alguma maneira, pois, esta participação não é igual para todos porque as pessoas mesmas são desiguais. As formas da democracia do oeste moderno, tais como "sociedade civil", igualitarismo, individualismo, e votação na base do princípio de "uma pessoa, um voto", pois são alheias ao sistema tradicional Kayapó.

IV. RESUMO

Em resumo, os Kayapó não são ecólogos, não são democratas igualitários, e também não são conservadores culturalistas preocupados em manter a pureza da sua cultura "tradicional", embora tenham uma consciência da sua profunda interdependência com a natureza, conseguem criar uma verdadeira esfera pública de discurso político no qual todo mundo participa de alguma maneira, sabem se mobilizar coletivamente e incentivar a participação geral da sociedade inteira em ações políticas sem qualquer exercício de poder arbitrário, e se comportam como nacionalistas culturais, que acham a apropriação em grande escala de elementos da cultura alheia do oeste a mais autêntica forma de cumprir os princípios fundamentais da sua cultura.

V. ETAPAS DO PROCESSO HISTÓRICO DE INTEGRAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA-ECONÔMICA NA SOCIEDADE NACIONAL, EM CORRELAÇÃO COM GERAÇÕES DE LIDERANÇAS

1. CONTATO HOSTIL: ATAQUES, PILHAGENS, DEPENDÊNCIA ECONÔMICA (1800-1950s)

Contato intermitente: alternância de ataques escravizadores, contra-ataques kayapó, e troca pacífica. Crescimento dependência por mercadorias (armas de fogo, utensílios de metal, miçangas, roupas) adquirido ou por pilhagem ou por troca.

Penetração intermitente e rarefeita do território por seringueiros, castanheiros, ribeirinhos. Frente pastoril na região Araguaia-Pau d'Arco. Missão Dominicana de Conceição do Araguaia. Extinção dos Kayapó do Araguaia (Iraá Mrayre) 1940s.

Lideranças: guerreiros especializados em ataques, hoje todos falecidos: Kubengogo, Tapiet, Kokoyaumti, Yakuri, Ngroy, Oket, Bemonti. Kretire, Kremoro, Bebgogoti eram, ou são herdeiros desta geração de lideranças guerreiras. Fizeram a transição da pacificação e continuaram como lideranças na época seguinte.

2. PACIFICAÇÃO, SOCIEDADE DO POSTO INDÍGENA (1950s-1980)

Contato: coexistência pacífica baseado em prestações de “presentes” pelos brancos (SPI, FBC) em troca por suspensão de hostilidades e localização em Postos Indígenas. Dependência econômica intensa, mas esta deve ser entendida como uma continuação da dependência guerreira da fase anterior.

Penetração da região: chegada de fazendas, estradas, grileiros. Pressão crescente de intrusões. Falta de demarcação.

Primeira sub-fase: miséria, epidemias, perda de população: 1950s--1970.

Lideranças: primeira geração de líderes pacíficos, na sua maioria com poucos anos de ensino de Portugues (Missionários evangélicos, os Villas-Boas, pais adoptivos brancos). Conseguem lidar com encarregados do posto (brancos), funcionam como intermediários entre a administração tutelar e o povo ainda monolíngue da sociedade do posto. Relações de líderes desta faixa com brancos além do Posto (e.g., invasores de vários tipos) é essencialmente hostil, até guerreiras. Ropni, Kromare, Kanhonk, Tut/Pombo, Ngapre, Tchikiri, Ukakoro, Kubenhikaynti, Kupato, Motere, Mantinore.

Segunda sub-fase: “internalização do outro” dentro do contexto do Posto: 1970-1980. Expropriação das funções dos elementos brancos na sociedade do posto: rádio, atendimento médico, administração (chefe do Posto), mediação inter-étnica com brancos de fora, mecânica e transporte (voadeiras, camionetes, geradores, balsa), e até religião (líderes Kayapo de cultos crentes).

Estréia de uma faixa nova de “jovens técnicos” (não chefes, mas principalmente filhos ou sobrinhos de chefes) composta do pessoal que desempenham tais funções. Eles geralmente falam português muito bem, são alfabetizados, sabem algarismos, dinheiro, e matemática para manejar uma conta bancária. Bedjai, Payakan, Megaron, Pangra, Bebkum, Mokuka, Kubení, Tapiet, Tonkran, Pedro Aybi, Tchikato, Waiwai, Horat/Akiaboro.

3. A RECONQUISTA DA TERRA E A OFENSIVA POLÍTICA-CULTURAL (1980-1994)

Contato: autogerência de Postos; negócios com invasores extrativistas numa escala regional, focalizados em cidades regionais. Negócios com o governo federal sobre demarcações, focalizado em Brasília. Alianças com ONGs estrangeiras e do sul do país (focalizadas em Brasília e São Paulo ou no estrangeiro). Payakan e Megaron passam a trabalhar em níveis altos da FUNAI. Casas Kayapó em cidades regionais para servir como hotéis para visitantes da aldeia e bases para o pessoal que cuida das contas da comunidade e negócios com empresários extrativistas: Belém (Payakan); Tucumã (Tut/Pombo); Redenção (Tapiet, Kubení, Pedro Aybi, Pangra, Payakan). Aviões (Tut/Pombo, Gorotire, Payakan/Aukre, Pukanu, Kubenkakre). “Kayapo S.A.”, estilo de vida das jovens lideranças em Redenção e de Tut em Tucumã. Proeminência dos Kayapó na mídia nacional e internacional. Movimento meio-ambientalista toma os Kayapó como símbolo.

Penetração político-econômica. Chegada das empresas extrativistas (garimpo, madeiras). De 1983 para fins de 1994, número crescente de lideranças e comunidades Kayapó faz contratos com eles.

Demarcação de todas as terras Kayapó, menos Bau. Kayapó usam domínio da terra como base de extrair mais renda de extrativistas.

Lideranças: a faixa dos “jovens técnicos” da fase prévia assume o papel de intermediadora com as empresas extrativistas, e se estabelece fora das aldeias em cidades regionais, onde os velhos chefes de aldeia não conseguem funcionar. Monopolizam as funções de negócios ao estilo dos brancos--contas de banco, negociação com prefeitos, roteiro do avião, etc. Na base deste monopólio, sacam boa parte da renda destes negócios para se manter na cidade. Ficam efetivamente fora do controle dos velhos chefes, e ainda mais da gente comum da aldeia.

4. BUSCA DE NOVAS ALTERNATIVAS (1995--

A revolta das massas em Gorotire, em novembro de 1994. Repúdio das “jovens lideranças” de Redenção à política de contratos com empresas extrativistas.

Fundação da Associação Iprere, abrangendo as cinco comunidades de Cachoeira, Kapot, Bau, Kubenkakre e Pukanu, na reunião realizada em Cachoeira no dia 01 de Março de 1995.

Desintrusão dos madeireiros e garimpeiros, fim da renda do extrativismo. Busca de formas alternativas para ganhar renda, tal como produção para o mercado.

Surgimento de uma nova faixa etária de jovens empenhados em política e produção alternativa, e oposta à faixa anterior de “jovens lideranças”. Aliança desta faixa com os chefes mais idosos, como em Gorotire. E com as ONGs...?

GRUPOS KAYAPÓ POR REGIÃO E TIPO DE RELAÇÃO COM A SOCIEDADE BRANCA

	OESTE "XINGÚ"	LESTE "PARA"	
EXTRATIVISMO EXACERBADO	TCHIKRIN BACAJÁ KARARAÔ KARARAÔ B A Ú KUBENKÀKRE PUKANÚ	TCHIKRIN CATETÉ GOROTIRE KIKRETUM DJUDJÊTUKTI	ABANDONO ESTATAL E ONGS* *EXEÇÃO A'UKRE
EXTRATIVISMO MODERADO		KUBENKRANKÊN KOKRAYMORO AUKRE	
AUSENCIA DE EXTRATIVISMO	CACHOEIRA KAPÔT		

T. TURNER 12/3/95